

# CASA TERAPÊUTICA E CASA VITRINE

SOUZA, Cássia Rafaela Brum<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo comparar dois modos de morar, sendo um a casa terapêutica, no sentido de transformar e ressignificar o ser humano que ali habita, e a casa vitrine, que é projetada e utilizada como uma vitrine que expõe móveis, mas não é adequada para o seu uso. Realizou-se um comparativo entre as questões projetuais e usuais de uma residência na qual o luxo está nos detalhes e não mais na exaltação da estética, e como tal projeto pode atender as questões humanas (necessidades físicas e terapêuticas) ou estéticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Habitar. Viver. Arquitetura do luxo. Arquitetura para sentir.

## THERAPEUTIC HOME AND SHOWCASE HOME

## ABSTRACT

This study aimed to compare two ways of living, one being the therapeutic house, in the sense of transforming and giving new meaning to the human being who lives there, and the window house, which is designed and used as a window that displays furniture, but is not suitable for your use. A comparison was made between the design and usual issues of a residence in which luxury is in the details and no longer in the exaltation of aesthetics, and how such a project can meet human (physical and therapeutic needs) or aesthetics issues.

**KEYWORDS:** Dwell. To live. Luxury architecture. Architecture to feel.

## 1. INTRODUÇÃO

A casa pode ser um lugar físico ou um conjunto de sentimentos, o qual denominamos de lar devido a sua relação entre a materialidade existente entre outros processos imaginativos, onde a localização física da materialidade e os sentimentos e ideias estão unidos e influenciam mutuamente, ao invés de estarem separados e distintos.

Ou seja, é um processo de criação e compreensão de formas de habitação e pertencimento, onde a casa é vivida e/ou imaginada, manifestando-se materialmente a cada criação e co-criação de forma contínua através das práticas domésticas de todos os dias, ligadas ao imaginário espacial que é a própria casa.

Desta maneira, este artigo baseia-se no questionamento em que o essencial é procurar o real sentido dos conceitos que acercam este tema, que muitas vezes parecem básicos, familiares a até mesmo naturais e intrínsecos. Pretende-se ainda abordar as diversas visões que rodeiam a criação de um projeto residencial, em muitas vezes denominado de unifamiliar, onde a mesma casa pode reunir as funções e necessidades básicas dos moradores e acolhe-los de maneira agradável, ou pode seguir

---

<sup>1</sup> Mestre Arquiteta e Urbanista. E-mail: [crbsouza@minha.fag.edu.br](mailto:crbsouza@minha.fag.edu.br)



linhas de desenvolvimento de projeto e necessidades bem diversas, atendendo basicamente às questões materiais e estéticas.

O trabalho tem como tema a casa e seus significados, e sua problemática se baseia na forma como o projeto é desenvolvido para proporcionar bem-estar ao indivíduo, relacionando suas necessidades físicas, sociais e mentais, resultando no seguinte questionamento: No contexto do luxo, a casa pode ser terapêutica ou é casa vitrine?

O objetivo geral é realizar um comparativo entre as questões projetuais e usuais de uma residência considerada de luxo, e como tal projeto pode atender as questões humanas (necessidades físicas e terapêuticas) ou estéticas. Quanto aos objetivos específicos a serem alcançados temos:

- 1) desenvolver pesquisa bibliográfica acerca do tema casa e suas maneiras de projetar e morar;
- 2) pesquisar uma obra correlata na cidade de Cascavel-Pr para desenvolver um estudo de caso;
- 3) analisar e comparar a obra correlata com a bibliografia referenciada;
- 4) apresentar as soluções adotadas que tenham relação com residências de luxo de cunho terapêutico.

## **2. REVISÃO DE LITERATURA**

De acordo com Silvio Colin (2004), a arquitetura é um produto cultural, pois ela expressa o modo como o ser humano vive, se alimenta, se relaciona, as atividades que pratica e o grau de conhecimento técnico do povo. Acredita que arquitetura é uma excelência estética ou uma Arte, e aqui vale ressaltar que:

Apenas uma parte do conjunto de edifícios será considerada arquitetura: somente aqueles que, para sua concepção e construção, puderam contar com um arquiteto de conhecimento, sensibilidade e talento, com o local certo, o momento certo, as condições materiais necessárias, o tempo e o dinheiro suficientes (COLIN, 2004, p. 22).

Segundo Zevi (1996), pode-se desligar o rádio se tocar uma música que não agrada, deixar de ir ao cinema se o filme não faz seu estilo, ou simplesmente não ler um livro, mas “ninguém pode fechar os olhos diante das construções que constituem o palco da vida citadina e trazem a marca do homem no campo e na paisagem”.

As quatro fachadas de uma edificação, por mais bonitas, decoradas ou esculpidas que sejam, constituem apenas o invólucro onde está inserida a verdadeira joia da arquitetura: o espaço interior (ZEVI, 1996).

Para Zevi (1996),

A bela arquitetura será a arquitetura que tem um espaço interior que nos atrai, nos eleva nos subjugando espiritualmente; a arquitetura feia será aquela que tem um espaço interior que nos



aborre e nos repele. O importante, porém, é estabelecer que tudo o que não tem espaço interior não é arquitetura” (ZEVI, 1996, p. 24).

Portanto, a verdadeira arquitetura deve possuir um espaço interior que eleva e atrai o visitante para que seus sentimentos sejam despertados.

## 2.1 A CASA

De acordo com Miguel (2002) o conceito de casa surge durante o Império Romano, como sinônimo de cabana, tugúrio, choupana, com características rurais em antagonismo ao termo domus que indicava habitação urbana.

Até então a palavra lar não definia o espaço privado, devido a sua confusão com a palavra casa, chegando às vezes a total sinonímia. E vejamos os pontos que as distinguem: A concepção da casa como edifício ou parte dela destinada à ocupação humana representa aqui um objeto à espera de uso familiar, no qual as relações no plano físico e a troca emocional de seus moradores fazem da casa um lar. Assim, a casa é o resultado de um processo complexo em que se contradizem os fatores sociais, econômicos e técnicos que determinam sua articulação, não sendo apenas os modos de vida e os costumes das pessoas que impulsionam a transformação da casa humana (MIGUEL, 2002).

Neste contexto, o que nos interessa é a casa enquanto lar e não enquanto domicílio, e ao verificar a etimologia das palavras verifica-se em *lar* um aspecto que, não dizendo particularmente nada, diz tudo. Ao conceito lar está associada alguma transcendência que outros sinônimos de casa, como domicílio, não possuem (OLIVEIRA, 2019).

Ainda segundo Oliveira (2019), há um ponto fundamental na noção de casa, que nas palavras de *Monteys e Fuertes* afirmam que “*uma casa é uma habitação, mais as pessoas que habitam e os objectos que guarda*”, interpretada com sua materialidade e desprovida de essência.

E aqui surge uma relação pessoal com a casa, e Miguel (2002) ele o explica observando que a configuração da casa representa uma concha delimitadora entre o público e o privado, pois nos remete a um espaço interior que representa a necessidade de localização do indivíduo. A mesma casa está intimamente relacionada ao ser humano, pois sua configuração depende da situação e do modo de vida do morador e ele, se ele trazer seus hábitos, o transforma em algo próprio e pessoal e assim assume o simbólico. E aqui está o princípio e a essência da casa: como refúgio familiar, refúgio para homens e mulheres, pais e filhos, patrões e empregados, famílias e indivíduos, a casa pode ser vista como um microcosmo privado que está sempre em confronto com um público setorial, seja um vilarejo ou uma metrópole. A casa precisa de muros e cercas para poder imaginar uma vida sem ameaças. É ela quem dá ao homem o seu lugar na terra.



## 2.2 HABITAR E SEUS DESDOBRAMENTOS

E surge outro ponto de reflexão: se na casa temos seus habitantes e seus objetos com significados, e todas se diferenciam entre si, o que definem como tal? Seria o modo de habitar, que na relação casa e habitante se desenrolam diversos fatores de análise, onde o indivíduo que surge como núcleo central de todo este problema, no sentido da relação que este é capaz de criar com a casa e vice-versa (OLIVEIRA, 2019).

Se considerarmos que todo construir tem como objetivo o habitar, não podemos dizer que toda construção se trata de uma habitação. Segundo Heidegger (2001):

Mas será que as habitações trazem nelas mesmas a garantia de que aí acontece um habitar? (...) Habitar seria, em todo caso, o fim que se impõe a todo construir. Habitar e construir encontram-se, assim, numa relação de meios e fins. (HEIDEGGER, 2001, p. 126).

Assim os conceitos de “construir” e “habitar” diferem-se, uma vez que “construir” não necessariamente se constitui a partir de um espaço geográfico ou de um lugar em que o homem desenvolva a ação de habitar, embora “construir” tenha por finalidade “habitar”, e o mesmo acontece com as casas (MILLEN, 2019).

Ao analisarmos as casas e sua relação o mercado de luxo, temos as mesmas como objetos e não apenas como os conceitos citados acima. O autor francês Baudrillard (2002), em seu livro “O sistema dos objetos” explica que o objeto moderno é resultado de suas relações com o mundo uma vez que ele deixou de ter uma função pré-determinada e não pode ser explicado unicamente pela sua utilização primeira.

Percebemos, então, que os objetos devem ter a capacidade de interagir com os demais objetos e com o indivíduo, sendo adaptável às necessidades que surgirem. “Os objetos não são mais investidos de uma “alma” assim como não mais os investem com sua presença simbólica: a relação faz-se objetiva, é combinação e jogo” (BAUDRILLARD, 2002, p. 13-14). E assim, o valor táctico do objeto torna-se maior que sua função primeira e seu valor estético.

Charles Pierce (1972) descreve o signo como aquilo que, sob certos aspectos e em alguma medida, substitui alguma outra coisa, representando-a para alguém. O pesquisador latino-americano Juan Diaz Bordenave corrobora e complementa que o signo é todo objeto perceptível que de alguma maneira remete a outro objeto e que eles “têm função de signo em virtude de seu uso na sociedade” (BORDENAVE, 1982).

E nunca antes foi visto a revolução que está acontecendo na forma de habitar, como hoje em um mundo ameaçado pela pandemia do *covid*. Se antes as casas consideradas luxuosas que se



voltavam para os olhares externos, com suas linhas arquitetônicas suntuosas e ambientes internos dignos de capa de revista, quase impossíveis de serem utilizados, agora a casa vitrine se volta para o interior de seus moradores, suas necessidades reais, e traz o luxo repaginado, com características pessoais e terapêuticas, com significado, sustentabilidade, e principalmente pensando na saúde e habitabilidade. Segundo Bravo (2020) em nenhuma outra época passamos tanto tempo dentro de casa, e o isolamento social imposto pela pandemia do novo coronavírus nos obrigaram a criar novas atividades em um espaço que antes, era dedicado ao nosso descanso e ao convívio familiar.

A partir desta realidade, a porta de casa passou a funcionar (para todos) como uma espécie de fronteira, com rígidos protocolos de controle. Surgem, assim, o que o estudo chama de “soluções de entrada”: elementos que “filtram” o que pode ou não entrar no ambiente privado com segurança (BRAVO, 2020).

## 2.3 ARQUITETURA E SUAS SENSações

Para Colin (2000), a arquitetura, como qualquer outro meio de comunicação estética, pode transmitir um vasto espectro de emoções que fazem parte da nossa vida e cotidiano: a ansiedade com as mudanças estruturais, a certeza no futuro incerto, desejos de poder, até mesmo as fantasias mais diversas. E este conjunto de emoções traduzem o que chamamos de conteúdo psicológico da arquitetura, uma vez que a psicologia é a ciência que busca o entendimento das funções mentais e motivações comportamentais individual ou de grupos.

Corbusier (2000) afirma que a arquitetura é feita para emocionar, quando consideramos as sensações que a obra de arquitetura pode transmitir às pessoas. Tal emoção existe quando a obra tem efeito sobre você e em um universo cujas leis sofremos, reconhecemos e admiramos. Arquitetura consiste em “relações”, é “pura criação do espírito” (CORBUSIER, 2000. p. 10).

Em seu livro *Os olhos da pele: A arquitetura e os sentidos*, Pallasmaa (2011) aponta que através da arte e da arquitetura, a sensação de identidade pessoal é reforçada e permite que os seres humanos se envolvam totalmente nas dimensões mentais dos sonhos, imaginações e desejos. A arquitetura não cria meros objetos de sedução visual, ela projeta significados, e a significação da proposta final de uma edificação ultrapassa a arquitetura, ele redireciona à consciência pessoal, individual e visão de mundo, com a própria sensação de se ter uma identidade e estar vivo.

As percepções do espaço não consistem apenas no que podemos ver, mas também no que ouvimos, sentimos, e até mesmo no que cheiramos. Desta maneira a arquitetura é capaz de mostrar o invisível, aquilo que não podemos ver, mas que podemos sentir, despertando associações de que não tínhamos consciência antes (HERTZBERGER, 1999. p. 230).



Diversos estudos mostram que a área do cérebro que controla as emoções controla todo o nosso comportamento. O que é interessante é que todas elas se refletem em nossa casa: no projeto arquitetônico, na decoração, na limpeza. Ao mesmo tempo, cada cômodo tem uma função e conta parte de nossa história pessoal. Esta, combinada ao desejo de tomar as rédeas da própria vida, podem dar força para transformar a casa em que vivemos num lar acolhedor e reconfortante, ao mesmo tempo que dá condições para mudarmos a nossa vida e assumirmos o nosso poder (ROBYN, 2009).

### **3. METODOLOGIA**

O desenvolvimento da pesquisa proposta baseou-se em uma metodologia científica, que segundo Chizzotti (1991) é um processo de pesquisa que segue uma determinada sequência de etapas, não sendo um procedimento lógico, rígido e não é uma receita ou uma sequência de passos lineares que necessariamente conduzem a uma resposta ou uma conclusão.

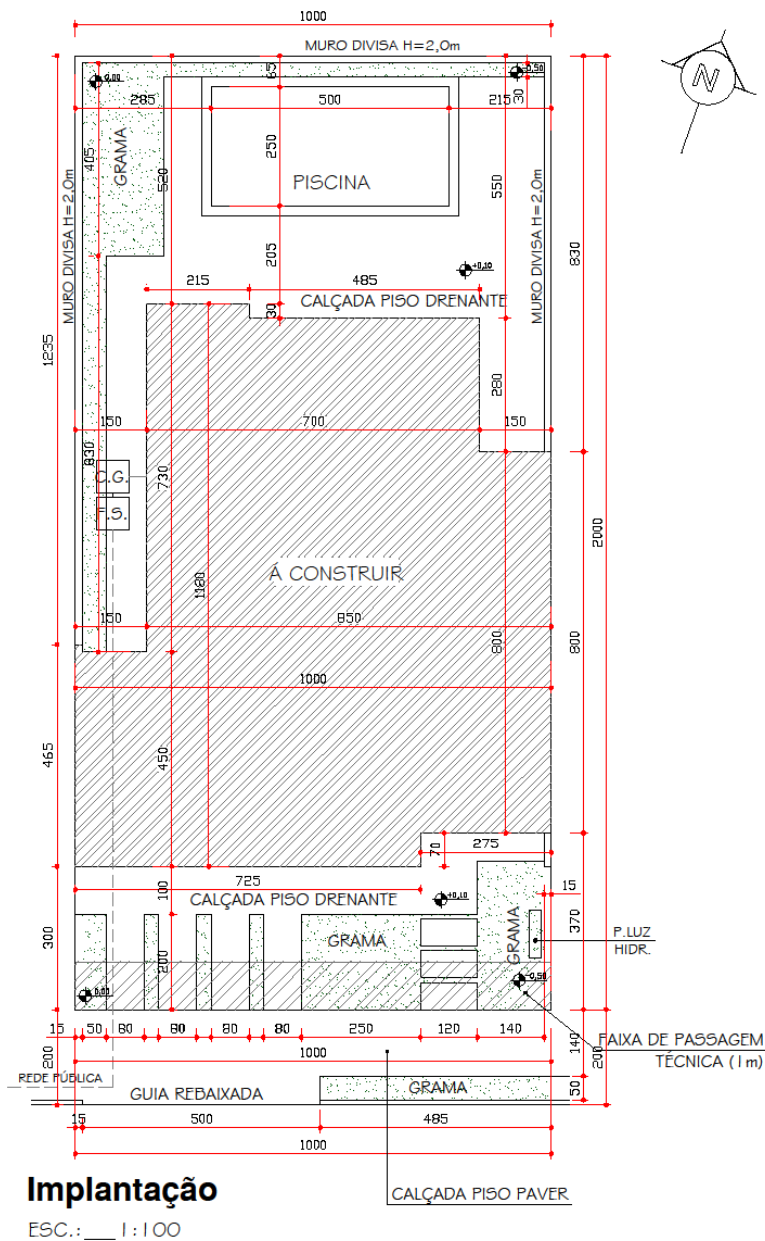
Uma metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica que para Marconi e Lakatos (2007) é o levantamento de toda bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita.

O outro método utilizado foi o estudo de caso, que para Pradanov & Freitas (2013) é um tipo de pesquisa que consiste em coletar e analisar informações sobre determinado assunto, podendo ser qualitativa ou quantitativa, de forma aprofundada.

Para o presente trabalho, após realizadas as pesquisas de referencial bibliográfico, partiu-se para a definição do objeto de estudo, ou seja, a residência a ser analisada, a qual situa-se em um condomínio fechado na cidade de Cascavel/PR, com 190,00m<sup>2</sup> construídos, que podem ser observados na implantação (Fig. 01).



Figura 01: Planta baixa pavimento térreo e superior



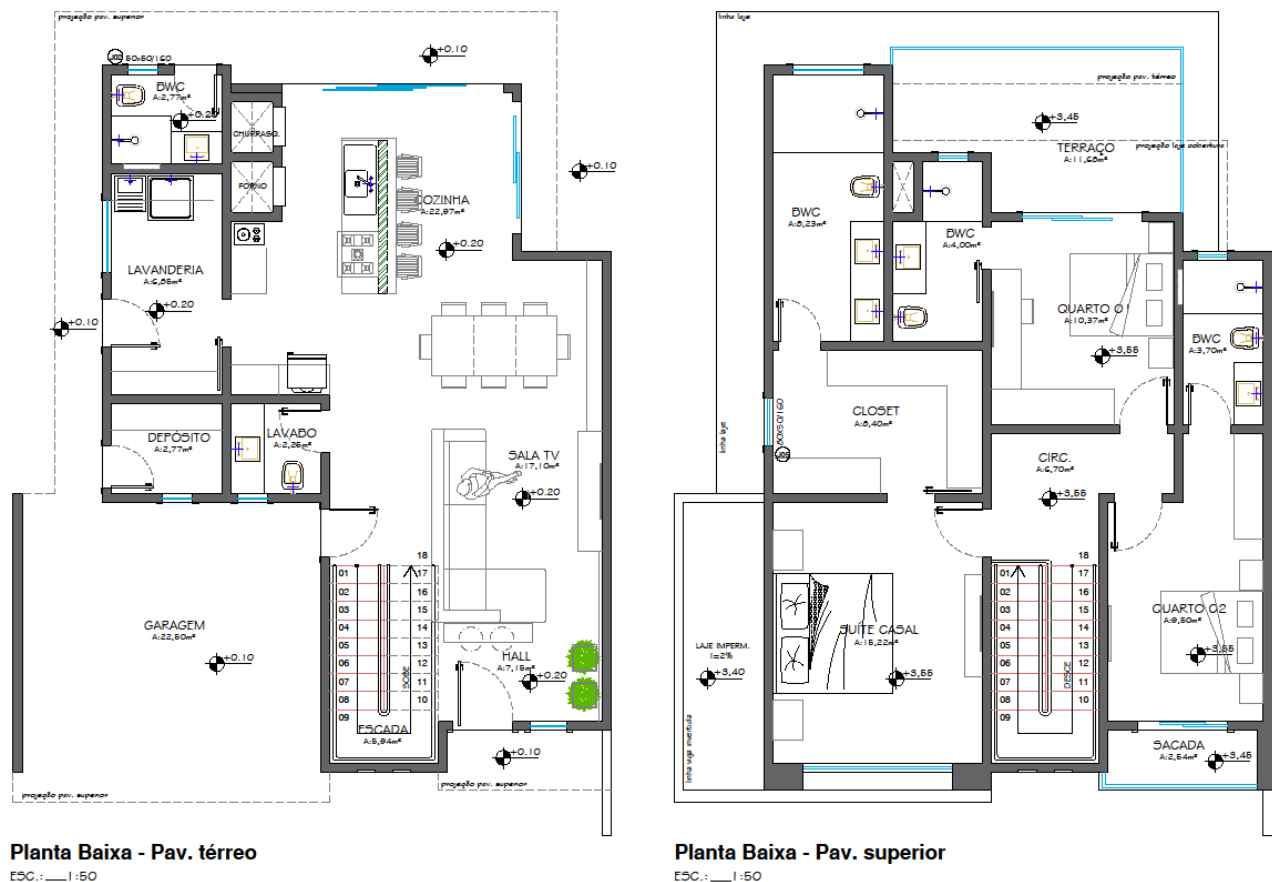
Fonte: Brum Arquitetura, 2017.

Possui seu programa de necessidades dividido em dois pavimentos, com os seguintes ambientes: garagem para 02 carros cobertos e 02 descobertos, hall, sala estar/tv, lavabo, cozinha integrada com área gourmet, lavadeira, depósito, banheiro externo, piscina com hidromassagem, pergolado externo, suíte máster com closet e banheiro, e 02 suítes com sacada e terraço. Conta ainda com aquecimento solar em toda a residência, e na piscina, infraestrutura para sistema de aquecimento fotovoltaico, chuveiro de teto em todos banheiros, nicho em box, duas cubas em banheiro da suíte máster, churrasqueira, forno a lenha e fogão a lenha integrado à área gourmet.

A seguir a planta baixa da residência utilizada para o estudo de caso (Fig. 02).



Figura 02: Planta baixa pavimento térreo e superior



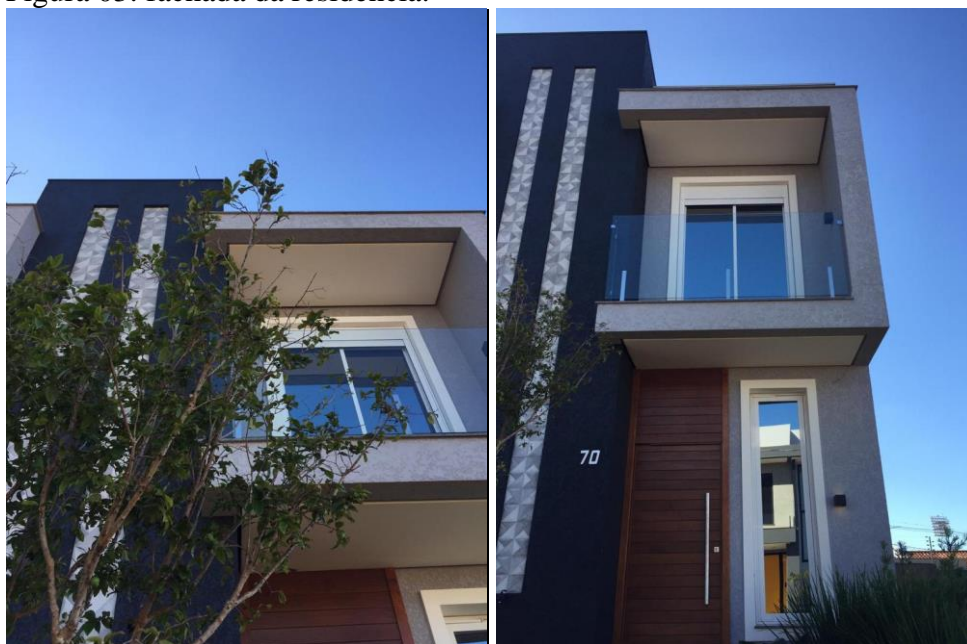
Fonte: Brum Arquitetura, 2017.

Na planta baixa da residência pode-se observar os ambientes que compõem o programa e necessidades e as soluções adotadas. Devido a casa situar-se em condomínio fechado, respeitou os critérios estipulados pelo mesmo, para as construções, aproveitando o seu terreno de 10x20m ao máximo, dispondo de piscina e área externa de lazer.

A fachada da residência segue um conceito mais contemporâneo, com cores neutras e poucas aberturas, o que induz a necessidade de manter a privacidade da família, conforme Figura 03.



Figura 03: fachada da residência.



Fonte: Autora, 2020.

E para findar-se, faz-se apresenta-se as soluções adotadas que tenham relação com residências de luxo de cunho terapêutico, levando em consideração o usuário e como ele se sente em sua casa, relacionando o luxo ao bem-estar do indivíduo.

#### **4. ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

A partir do projeto apresentado acima, as análises foram baseadas no referencial bibliográfico referenciado no texto, pois o mesmo auxiliará no traçado das diretrizes projetuais que tem a casa terapêutica como objetivo.

Também foi possível analisar se a casa apresentada levou em consideração, no momento da concepção do projeto, o modo de viver dos moradores, sua cultura, preocupações com seu corpo e estado de espírito e em como iriam se sentir ao habitar a residência, transformando ela em seu lar, ou apenas as questões estéticas.

A seguir a planta baixa da residência com a marcação das áreas consideradas de sociais e de lazer, área de serviço e íntima (Fig. 04).



Figura 04: Planta Baixa pavimento térreo e superior com marcação de áreas



Fonte: modificada pela autora, 2020.

Na planta baixa da residência temos que 68,91% (68,91m<sup>2</sup>) da área total construída da residência destina-se ao uso social e de lazer (vermelho), podendo ainda adicionar 55m<sup>2</sup> de área de piscina e lazer, 18,46% (35,05m<sup>2</sup>) à área de serviço (amarelo), e 45,28% (86,04m<sup>2</sup>) foram destinadas as áreas íntimas (azul), as quais situam-se em maior parte todas no pavimento superior, trazendo privacidade, e separando de certa forma, os quartos das demais áreas que os visitantes podem circular.

Prezou-se pelo bom aproveitamento dos ambientes e conforto da família, podendo ser observado nos ambientes integrados do pavimento térreo, tendo apenas a área de serviço individualizada, e na opção de tornar os quartos suítes no pavimento superior.

Analisando a área de uso comum do pavimento térreo, onde situa-se a área gourmet, encontramos diversas facilidades e atrativos tanto para os moradores, quando para visitantes: bancada com assentos que divide a mesa de jantar para a área da churrasqueira, o que a torna muito convidativa e propicia a conversas e desfrute da vista da piscina com deck; pia da cozinha situada na ilha, para manter a comunicação entre os demais usuários desta área; churrasqueira, forno e fogão à lenha bem próximos um do outro, mantendo assim as pessoas bem próximas e facilitando o convívio do usuários (Fig. 05).



Figura 05: Foto da área gourmet integrada



Fonte: Autora, 2020.

Ainda na área integrada, temos o hall e a sala de tv /estar, a qual foi propositalmente projetada a fim de não ser dividida em ambientes de usos diferentes, assim todos permanecem em um mesmo ambiente, melhorando a comunicação entre a família (Fig. 06). Quando algum dos moradores desejar ficar mais recluso, pode-se dirigir ao pavimento superior, no conforto de sua suíte.

Figura 06: salas e hall integrados



Fonte: Autora, 2020.

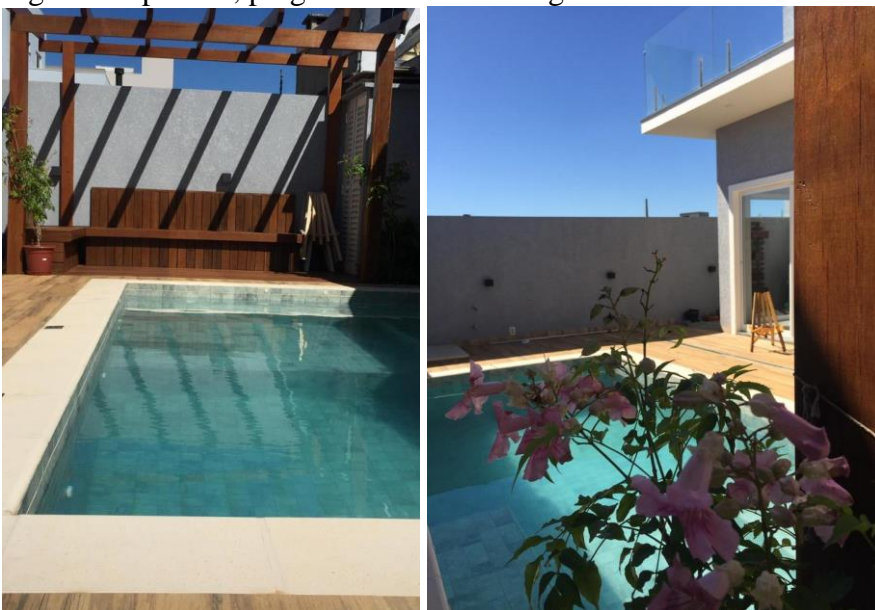
No pavimento superior, como observado na planta baixa, temos as 03 suítes, com dimensões diferentes o que demonstra a hierarquia entre os moradores da residência. Sendo a suíte máster, com vista para a fachada da casa e sem sacada para manter a privacidade dos moradores, a maior e com



closet separado e banheiro com duas cubas para trazer conforto ao casal no momento de sua higienização.

A outra suíte menor, está orientada para a fachada da residência também, com sacada, e a terceira suíte, de tamanho intermediário entre as outras, possui terraço que faz a integração com a área externa privativa da residência, o que evidenciou a preocupação com os ocupantes deste ambiente, para que tivessem uma vista bonita, integrada com o restante da casa e ainda aproveitando a área livre (Fig. 07).

Figura 07: piscina, pergolado e sacada integrada à área de lazer



Fonte: Autora, 2020.

Desta maneira, verifica-se que alguns pontos foram levados em consideração no momento do projeto da residência. Sendo o principal a maneira como esta casa seria utilizada pelos moradores, e como ela se relacionaria com o bem-estar dos mesmos.

Prezou-se pela integração dos espaços, para que os moradores pudessem estar sempre em contato, dividindo todos os momentos do dia-a-dia; as sensações dos mesmos ao adentrar nos ambientes também foi considerada, e observa-se pelo cuidado em como os acabamentos, cores e texturas utilizadas (na área do gourmet integrada com tons mais escuros e materiais naturais trouxeram o aconchego desejado) foram trabalhados, sendo também fáceis de manter limpos, pois a finalidade era ter uma casa bonita, confortável e sempre pronta para receber a família e amigos.

Outro ponto que foi observado é que a residência foi projetada para manter a privacidade perante aos demais vizinhos do condomínio, onde a escada que liga o pavimento térreo ao superior não tem aberturas externas, e os vidros das fachadas com acabamento reflecta inibem a visualização



de pessoas externas à residência para dentro e repele o calor proveniente dos raios solares, daí a preocupação com o conforto térmico dos ambientes.

Esta característica se relaciona muito bem com o atual momento que estamos vivendo de pandemia, pois a casa deixa de ser uma vitrine para os visitantes, e se torna um lugar terapêutico, que desperta sensações, cura, e eleva o estado de espírito dos moradores e quem ali adentrar.

Passa a ter papel importante no dia a dia da família, pois é a base onde todas as trocas e interações acontecem, tornando-se um lar, um local de desejo em permanecer, que abraça ao chegar, que estimula a sentar, relaxar, ouvir o outro.

É um lugar para se estar, organizado e acolhedor, que te recarrega, une os familiares, é motivo de saudade e de vontade de estar. É aquela em que você sente que há simbiose: você entrega cuidado e atenção, e ela devolve acolhimento e nutrição.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com a apresentação e análise do projeto acima, pode-se observar como a forma de projetar deve estar alinhada com as expectativas dos moradores, com sua cultura, modo de viver e principalmente em como transferir para o projeto tais desejos.

O trabalho tinha por objetivo geral realizar um comparativo entre as questões projetuais e usuais de uma residência na qual o luxo está nos detalhes e não mais na exaltação da estética, e como tal projeto pode atender as questões humanas (necessidades físicas e terapêuticas) ou estéticas. Apresentou o projeto e as soluções adotadas com suas justificativas, escolhas e bases para o desenvolvimento das atividades cotidianas da família, que tinha como premissa o conforto e o bem-estar para os que estão dentro da casa, não sendo um projeto com apelo totalmente estético, mas sim terapêutico no sentido de transformar e ressignificar o ser humano que ali habita.

Para cumprir tal objetivo, objetivos específicos foram delimitados e atingidos. Sendo eles:

- 1) desenvolver pesquisa bibliográfica acerca do tema casa e suas maneiras de projetar e morar, que foi de extrema importância para ilustrar o que é a casa, o morar e seus desdobramentos;
- 2) pesquisar uma obra correlata na cidade de Cascavel-Pr para desenvolver um estudo de caso, a qual foi apresentada em seus detalhes projetuais e usuais, a fim de transparecer a forma como a mesma é utilizada, e seus moradores se apropriam dela para fazer o seu lar;
- 3) analisar e comparar a obra correlata com a bibliografia referenciada, apresentada nos resultados e discussões;
- 4) apresentar as soluções adotadas que tenham relação com residências de luxo de cunho terapêutico, também apresentada no item dos resultados e discussões, abrangendo os assuntos abordados no



referencial teórico, o qual alcançou os objetivos iniciais de não apenas abrigar pessoas, mas de transcender fazendo da casa o lar de uma família, não apenas com pessoas e objetos sem significado, mas o porto seguro que é a base da casa.

Para futuros estudos pode-se traçar diretrizes projetuais para o desenvolvimento de projetos de luxo na linha terapêutica, abrangendo a casa como objeto de desejo para crescimento pessoal e não apenas de exibição.

## REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Loyola, 2002.

BORDENAVE, J. E. D. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRAVO, L.; **Futurability**: uma nova mentalidade para o conceito de casa na pandemia. 2020. Disponível em: <<https://www.whow.com.br/inovacao/futurability-uma-nova-mentalidade-para-o-conceito-de-casa-na-pandemia/>> Acesso em: 20 de Novembro de 2020.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

COLIN, S. **Uma introdução à arquitetura**. 3. ed. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2004.

COLIN, S. **Uma Introdução à Arquitetura**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2000.

CORBUSIER, Le. **Urbanismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

HERTZBERGER, H. **Lições de Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto, relatório, publicação e trabalhos científicos. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MIGUEL, J. M. C.; **Casa e lar**: a essência da arquitetura. 2002 Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746#:~:text=%E2%80%9CA%20ca%20segue%20sendo%20o,teto%20instalou%20sua%20morada%20permanente.>>> Acesso em 03 de Dezembro de 2002.

MILLEN, J. B. C. **Construir, habitar, pensar**: uma proposta de (re) leitura. São Paulo, Politécnica, v.7, n.02, pg. 119-142, 2019.

OLIVEIRA, M. **Casa**: conceitos. 2019. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/920138/casa-nil-conceitos>> Acesso em 03 de Novembro de 2020.

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele: A arquitetura e os sentidos. Porto Alegre, Bookman, 2011.

PIERCE, C. S. **Semiótica**. Ed. Cultrix, 1972.



PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROBYN, K. **A casa terapêutica**: Como replanejar a casa pode mudar sua vida. Ed. Padrão, Gound, 2009.

ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes: 1996.